

# UM ESTUDO GEOGRÁFICO SOBRE AS CASAS DE MADEIRA EM MARINGÁ-PR

MARIA DAS GRAÇAS DE LIMA<sup>1</sup>

**RESUMO:** O assunto apresentado neste artigo significou o resgate de um tema tratado pela Geografia na década de 1940, e publicado na Revista Brasileira de Geografia, editada pelo Instituto Brasileiro de Geografia, na seção "Tipos e Aspectos do Brasil". A primeira etapa deste estudo foi elaborada considerando a observação acerca de uma peculiaridade encontrada na cidade de Maringá-PR, e que foi resultado da ocupação realizada na área pela colonização implementada. Referimos-nos à existência na paisagem urbana desta cidade das Casas de Madeira. Resultado desta observação, nossa preocupação com este tema deveu-se, em um primeiro momento, ao reconhecimento da necessidade de registro de um fato geográfico cuja tendência aponta ao desaparecimento, e posteriormente, por que o tema permitiu e favoreceu a caracterização de bairros e cidades localizadas na região estudada.

**PALAVRAS-CHAVE:** casas de madeira; colonização; geografia cultural; geografia urbana; geografia agrária.

**ABSTRACT:** The aim of this study was to get back a subject dealt in Geography in the 1940's and published in the Brazilian Magazine of Geography, edited by the Brazilian National Institute of Geography in the section "Types and Aspects of Brazil". The first stage was elaborated considering the observation on wooden houses in the urban scenery of Maringá-PR which was a result of the occupation by colonizers. The preoccupation of this study was partly due to the need of registering this geographic fact whose tendency shows its disappearance. Besides, the subject also allowed and favored the characterization of towns and areas in the studied region.

**KEY-WORDS:** wooden houses; colonization; cultural geography; urban geography; agrarian geography.

## Introdução

Iniciamos nossa pesquisa acerca das casas de madeira localizadas na cidade de Maringá-PR, a partir da observação da paisagem do espaço urbano, onde essas casas ainda são encontradas. Evidente que apenas a observação não era suficiente para despertar o interesse pelo tema e pela pesquisa. A leitura sobre a expressão desse fato para a ocupação histórica da cidade, evidenciava uma fase, uma conjuntura, inserida em uma grande região, denominada Norte do Paraná, e cuja identidade encontrava-se na sua ocupação pela cafeicultura e em toda dinâmica rural e urbana que resultou dessa fase.

Nosso objetivo com essa pesquisa é estudar a ocupação de Maringá a partir das casas de madeira. Evidenciam não só a influência da colonização agrária aqui implementada, como permite ainda caracterizar os bairros a partir de suas

---

<sup>1</sup> Profª do Departamento de Geografia (DGE), do Programa de Pós-Graduação de Geografia (PGE), Doutora em Geografia Humana, Universidade Estadual de Maringá - UEM. Av. Colombo, 5790. Zona Sete. [mglima@uem.br](mailto:mglima@uem.br). Fone: 0(XX)44-3261-4290.

peculiaridades; estudos que contribuiriam para políticas de planejamento sugeridas para o espaço urbano.

Para o desenvolvimento da pesquisa, iniciamos as leituras de autores clássicos da geografia europeia e brasileira, que haviam ao longo das décadas iniciais do século passado (XX), em especial a Geografia Humana, estudado com a intenção em caracterizar as influências e dinâmicas, tanto físicas, quanto sociais, que organizam os diversos espaços geográficos – lugares, regiões, territórios. A leitura sobre o habitat poderia e evidenciava a influência cultural, social, econômica, política do grupo social que o ocupava. Foi com essa perspectiva que iniciamos essa pesquisa.

O levantamento inicial de material iconográfico retratando em especial cenas urbanas, auxiliou na leitura, interpretação e compreensão histórica deste fato no processo de ocupação do espaço agrário e urbano.

Com a pretensão inicial de tratar as casas de madeira apenas como fato geográfico, cuja tendência aponta ao desaparecimento, ampliamos sua abordagem para o processo de colonização, e definimos a pesquisa pela reconstituição da estória agrária local, com vistas a compreender a história regional.

### Resgate Bibliográfico

Como representava o resgate de um tema tratado pela geografia humana, a primeira investigação a respeito da bibliografia que subsidiaria o estudo começou com a leitura de André Allix, e a história das casas de madeira ao longo da civilização; e antes de chegarmos à leituras de clássicos como Jean Brunhes, e Pierre Monbeig; além de Delgado de Carvalho, no Brasil, investigamos a bibliografia produzida pela Arquitetura, cuja abordagem interessa-se pelas aspectos estéticos das casas. Seus estudos favorecem a caracterização humana do espaço geográfico estudado.

Por se mostrarem ainda em número expressivo na cidade, as casas de madeira são vestígios da estória de outras épocas, além de se prestarem ainda à reconstituição até os dias atuais da história dos bairros e vilas da cidade; além das cidades menores que caracterizam a região próxima de Maringá.

O diálogo com os estudos elaborados pela arquitetura, reforçou a importância destes clássicos da Geografia na abordagem do tema. Os estudos sobre a caracterização da Arquitetura que influenciou as construções na região fundamentaram-se em obras geográficas, principalmente Monbeig, que descreveu, porque observou “in loco”, o processo de ocupação da região.

Esse levantamento bibliográfico abrangeu a produção encontrada em estudos produzidos pela Geografia Cultural, Geografia Urbana e Geografia Agrária. Essas leituras, necessárias para a compreensão desta paisagem definiram a abordagem do tema; trata-se de um estudo característico da Geografia Humana Clássica.

Muito embora as primeiras informações sobre o tema tenham sido levantadas em livros publicados na década dos 1910, 1920, 1930, 1940, 1950, o levantamento de bibliografias atuais sobre o tema nesta primeira etapa, encontrou dificuldades para retomar esse diálogo. Nesse primeiro momento encontramos apenas uma reportagem sobre a funcionalidade dada às casas de madeira de “cidades”, “vilas” ou “povoados” europeus, tombadas e elevadas à condição de museus a céu aberto.

Assim, adotamos uma metodologia investigativa de pesquisa, pois verificamos que teríamos que levantar a bibliografia existente sobre o assunto, e que havia sido publicada na década de 1950 para chegar aos trabalhos atuais. A consulta pela internet trouxe o conhecimento de alguns grupos de trabalho, concentrados em Universidades. A

conversa com pesquisadores que atuam desde a década dos 1960 também foi essencial; foi por meio deles que tomamos conhecimento de bibliografias e informações fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa.

O afinamento deste tipo de abordagem restringiu também o número de autores que passaram a trabalhar com este tema. Isto justificou a dificuldade em encontrar bibliografia no início da pesquisa.

A revisão bibliográfica levantou informações em autores clássicos da Geografia Humana, como JEAN BRUNHES: 1927, ANDRÉ ALLIX: 1936; DELGADO DE CARVALHO: 1935; LEO WAIBEL. Livros e textos publicados ao longo das décadas de 1920, 1930, 1940 e 1950, e que traziam diversas informações e registros acerca das casas de madeira.

Apresentaremos neste texto os primeiros resultados levantados com a pesquisa, e nos limitaremos às casas de madeira encontradas na área urbana de Maringá, mais especificamente na Zona Sete, Jardim Universitário e Vila Santo Antonio, muito embora possam ser observadas também em toda esta região (Microrregião Norte Novíssimo de Maringá, Microrregião Noroeste).

A primeira imagem sobre o tema estudado foi observada na Revista Brasileira de Geografia, publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia, na década de 1940. Dedicada aos professores, a seção "Tipos e Aspectos do Brasil" retratava temas de expressão regional e da vida cotidiana brasileira, principalmente as atividades relacionadas ao trabalho humano. Eram propostos para subsidiar principalmente as atividades dos professores de Geografia, e parte expressiva dos textos eram acompanhados por ilustrações. O texto "Casas de Madeira do Paraná", de Castaldi, publicado na década de 1940 e tratou das casas de madeira construídas pela colonização européia, principalmente eslavos, ucranianos, poloneses e alemães. Posteriormente, estes temas e ilustrações foram reunidos e publicados em um livro denominado "Tipos e Aspectos do Brasil".

Quando iniciamos o levantamento bibliográfico com vistas a fundamentar nossa pesquisa, e que pretendia naquele momento apenas "registrar" a expressão desta paisagem, buscávamos registros iconográficos deste fato que permitisse compreendê-lo historicamente.

Posteriormente, sistematizáramos, considerando os procedimentos de pesquisa da Geografia, uma metodologia descritiva deste fato. Nossa leitura pretendia-se geográfica, na medida em que explicássemos a presença destas casas relacionadas ao processo de ocupação deste espaço: a natureza transformada pela ação humana.

A etapa inicial de desenvolvimento da pesquisa, concentrada em levantamento bibliográfico e registro fotográfico atual das casas de madeira, favoreceu outras possibilidades de leitura e interpretação desta paisagem, permitindo que estendêssemos nossos objetivos para além daquele que havíamos definido: apenas o registro iconográfico de um fato que compôs o processo de ocupação da cidade de Maringá. Assim, a entrevista, realizada na maioria das vezes com suas proprietárias, que contavam mediante "longos bate-papos" como haviam conseguido e como mantinham suas casas de madeira; além da fotografia e da observação das casas, permitiu a reconstituição da história de bairros, vilas e cidades.

### **Casas de Madeira: Testemunhas da Ocupação**

Como pudemos verificar a partir do levantamento bibliográfico, as casas de madeira em Maringá foram construídas com a madeira retirada da derrubada da

vegetação original, como sempre foi na história das casas de madeira. Ocuparam todo o espaço da cidade entre as décadas de 1940<sup>2</sup> e 1960; começaram a ser substituídas a partir da década de 1960 pelas casas de alvenaria; e atualmente, em 2006, estão, ao que tudo indica, em processo de desaparecimento gradativo, embora ainda sejam muitas na paisagem.

A Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), ao vender o lote, sugeria a manutenção de 20% do lote com vegetação original. É fato, que os proprietários que adquiriram os lotes não levaram isso em consideração. Desmatando totalmente sua propriedade, utilizou para a construção das casas, a madeira retirada das derrubadas (peroba, mogno, cedro). Estas espécies eram nativas.

Ocupadas exclusivamente como residência<sup>3</sup>, sua concentração ocorreu principalmente no espaço projetado pelo engenheiro Jorge de Macedo Vieira, em 1947, e fundada em 1947. Ampliada a ocupação da cidade, este projeto inicial refere-se hoje aos bairros centrais ou próximos desses. Sob influência do arquiteto inglês Richard Barry Parker, com quem trabalhou recém-formado, projetou inúmeros bairros e cidades inspirado pelo desenho urbano das cidades-jardins. Considerando o traçado topográfico onde se localizaria a cidade, traçou-lhe ruas largas e arborizadas. Os bairros mais antigos da cidade agregam essas casas de madeira, consideradas “antigas” e mantidas em diferentes estado de conservação por sua população residente. (Figuras 01 e 02).



Fig. 01: Rua São Silvestre. ¶  
Casa recém pintada e reformada. ¶  
Encontra-se em bom estado de conservação. ¶  
Fotog. V. Ferraz



Fig. 02: Rua Joaquim de Castro. ¶  
Casa sem pintura recente e sem manutenção. ¶  
Fotog. V. Ferraz

Esta caracterização ainda superficial só foi possível a partir do trabalho de campo.

Nesta etapa inicial da pesquisa, levantamos informações sobre as casas de madeira encontradas no “Sul do Brasil”, cuja origem remonta à colonização alemã, polonesa, ucraniana, dentre outras, para diferenciá-las das casas de madeira construídas na ocupação da região norte-paranaense; são diferentes tanto na forma da construção, quanto na concepção de uso que tiveram. Estas casas estão presentes na paisagem do Sul do Paraná, e região de Curitiba e fazem parte da vida rural e urbana. Nestas áreas, as casas de madeira não estão com os “dias contados”, como parecem estar nas áreas de colonização recente, como na região de Maringá. Nesta cidade as casas de madeira parecem já terem sido construídas com seus dias contados. Apresentam poucos detalhes

<sup>2</sup> Maringá foi elevado a município no ano de 1948.

<sup>3</sup> No início da colonização todas as construções da cidade foram erguidas com madeira – hospitais, igrejas, casas comerciais, residências, armazéns, depósitos.

e volumetria. As condições climáticas, as condições de uso da madeira e a influência cultural da população que ocupou essa região, caracterizou uma estética desprovida de traços detalhados e rebuscados como as casas construídas no Sul do Paraná. É possível verificar alguma similaridade nas casas construídas no início da colonização, com casas de algumas regiões de Minas Gerais.

No início da colonização da cidade, os terrenos eram vendidos em lotes de até 600m<sup>2</sup>, o que permitia ao proprietário, se quisesse, um “pequeno” espaço para sua produção cotidiana: pomares (laranjeiras, bananeiras, mamoeiros, dentre outras frutas), hortas, e um grande jardim de entrada.



A observação mediante o trabalho de campo e a fotografia, além da bibliografia iconográfica disponível, evidenciou que desde a década de 1940, quando do início da colonização dessa região denominada de Norte do Paraná, a volumetria das casas eram simples (uma ou duas águas). Casas de madeira observadas em fotografias da época da ocupação da cidade, em sua maioria expressam traços de pouca volumetria. As casas construídas com detalhes; com volumetria destacada, eram as casas daqueles que haviam conseguido, na conjuntura cafeeira, acumular terras e bens. São as casas da conjuntura cafeeira que se dividem em dois tipos. Em sua grande maioria as casas encontradas na cidade foram construídas pela classe média e classe baixa; principalmente a partir da década de 1960. As casas dos fazendeiros de café, ou de outros segmentos sociais que se fixaram na cidade e que possuíam maior poder aquisitivo, praticamente desapareceram. Construídas no centro da cidade, cederam o espaço de seus terrenos para novos prédios, agora de concreto e cimento.

Tão rápido quanto apareceu, também está desaparecendo. Compõem a paisagem de uma cidade em constante mudança. Encontramos, em levantamento parcial, apenas duas casas localizadas na Zona 2 (Figuras 03 e 04), que ainda mantém “alguma” originalidade em sua construção. Em razão de sua necessidade permanente, o custo de manutenção das casas de madeira é elevado. Adotadas no início da história de ocupação da cidade de Maringá, desde a década de setenta estão sendo substituídas por casas de alvenaria ou prédios de apartamento, depende da área urbana em que estão localizadas.

### **Reforma das Casas: Mudança na Paisagem**

As casas fotografadas e estudadas até o presente momento delimitam-se expressivamente às casas de madeira construídas por volta da década de 1960 e 1970, e

de propriedade de operários e trabalhadores urbanos, cujo salário permitiu adquirir o terreno e construir a casa. Dessa forma, as esquadrias de alumínio e aço sempre se misturaram às madeiras das casas, principalmente a partir da década de 1970, fazendo com que essa perdesse, desde seu berço, a sua originalidade. Dessa forma, aquilo que começava com madeira, via de regra, terminava com reformas; reformas que misturavam alvenaria e esquadrias às tábuas de nobres mognos e perobas.

De modo geral, a maioria das casas ainda existentes em Maringá já passou por reformas e modificações, a começar pela cozinha e banheiro. O banheiro, que na primeira fase dessas casas, ficava na parte externa, posterior a 1970 foram agregadas à casa; e ambos, cozinha e banheiro tinham suas paredes azulejadas ou derrubadas e reconstruídas em alvenaria. Em trabalho de campo foram encontrados diversos exemplos disso (Figuras 05 e 06).

Um dos moradores entrevistados contou que a planta de sua casa foi aprovada em 1953. Construída em madeira, dividia-se em dois quartos, sala, cozinha, pequena dispensa anexado ao corpo da casa, e banheiro no quintal. Em 1979, passou por reformas: anexou o banheiro ao corpo da casa, ampliou o espaço ocupado pelos quartos e sala, reconstruídos em alvenaria. Em outra casa, localizada à Rua 10 de Maio, Zona 7, a planta foi aprovada para construção em madeira em 1957, e foi reformada em 1978.

Esse processo foi verificado na maioria das casas que foram fotografadas e entrevistadas para a pesquisa. A reconstrução geralmente é feita em alvenaria, azulejo, alumínio. As janelas venezianas foram substituídas por vitrôs. E o tempo de deterioração da madeira, entre a construção e a reforma, variava entre 15, 20, 25 anos. No entanto, foi possível verificar que algumas casas construídas na década de 60, já na década de 70 haviam sido reformadas. Foi possível identificar também que as casas de madeira construídas a partir de 1970, já continham as modificações sofridas nas reformas. Já eram construídas com vitrôs, esquadrias de ferro ou alumínio. Os detalhes feitos na madeira para ornamentar a casa (varanda, cumeeira, portas, janelas) foram retirados, ou empobrecidos em seus traços e formas. A volumetria da casa também se modificou, perdendo detalhes e importância do ponto de vista da arquitetura.

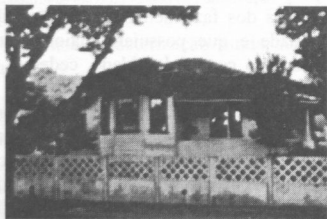


Fig. 03  
Rua Romário Martins.  
Casa que mantém parte da construção original.

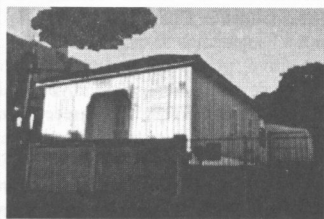


Fig. 04:  
R. Y. Itororó.  
Casa da conjuntura cafeeira; mantém a originalidade de sua construção.

As modificações percebidas no espaço urbano de Maringá, passados 60 anos desde o início da sua ocupação têm poucos registros históricos. A documentação e registros de diversos aspectos de sua paisagem passaram desapercibidos frente à rápida

transformação. A dificuldade para realizar a revisão bibliográfica, em razão da pouca produção encontrada nos estudos atuais, tanto da Arquitetura, quanto da Geografia quase inexistentes, evidenciou a necessidade em sistematizar informações disponíveis considerando uma leitura geográfica.

A pesquisa sobre as “casas de madeira” de Maringá, além de permitir a compreensão do processo histórico de ocupação da cidade, permitiu a reconstituição de abertura e fundação dos bairros e vilas das cidades; assim como permitiu a reconstituição dos processos de ocupação das cidades da região que também foram colonizadas. Embora a história da CMNP ainda concentre a maioria dos trabalhos sobre a colonização da região, é fato que diversos municípios sofreram processos diferenciados.

O crescimento urbano observado na cidade de Maringá, expresso na criação de novos bairros, resultado de inúmeros loteamentos, transformou também a paisagem da cidade. A partir da década de 70, intensificou-se o processo de substituição das casas de madeira (Figuras 05 e 06).

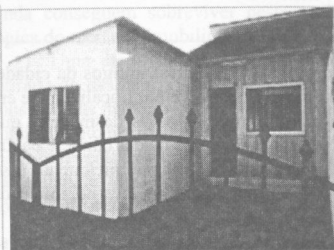


Fig. 05: Rua 10 de Maio.

Casa modificada. Substituição parcial da madeira por alvenaria.

Fotog. V. Ferraz

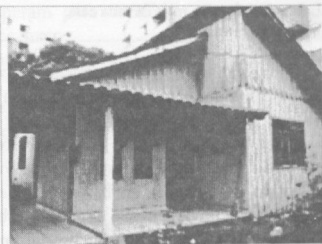


Fig. 06: Rua Oswaldo Cruz.

Casa modificada, mista de madeira e alvenaria.

Fotog. V. Ferraz

Nas áreas, cuja ocupação remonta à época inicial da colonização (final de 1940, 1950, metade de 1960), iniciou-se o processo de substituição das casas de madeira pelas “novas” casas de alvenaria, já na década dos 1970. Nesta área, localizada próximo do centro da cidade, ou no Plano Original desencadeou-se intensa especulação nos terrenos ocupados com as casas de madeira.

Atualmente, em 2006, primeira década desse milênio e século, área como a Zona 07, sofre intenso processo de revalorização imobiliária e as casas são substituídas por prédios de apartamentos ou quitinetes, destinados ao público estudantil da Universidade Estadual de Maringá.

Consideradas estética e arquitetonicamente modernas, mais que flexibilidade na disposição e tamanho dos cômodos, as casas de alvenaria ou prédios de apartamentos imprimiam status social às famílias que primeiro as construíram. Ao longo das décadas de 70, 80, até meados de 90 apareceram suntuosas na paisagem urbana da cidade. Substituíram as casas de madeira, “previamente” projetadas; pequenas e iguais; com uma sala, dois ou três quartos; um banheiro e um imenso quintal. Ultimamente esse



quintal foi dividido em 2 ou 3 lotes e ocupado com a construção de diversas “casas” destinadas aos filhos que se casam e não tem condições de ter a própria casa.(Figuras 07e 08).



Fig. 07: Praça Oswaldo Vieira.  
Casa da frente (marrom) em alvenaria; casa do fundo (azul) em madeira.  
Lote ocupado com mais de uma casa.  
Fotog: V. Ferraz

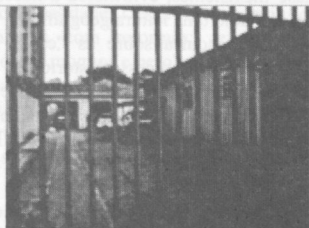


Fig. 08: Rua 10 de Maio. Casa da frente em madeira; casa do fundo em alvenaria.  
Fotog: V. Ferraz

Observamos a concentração de casas de madeira nos bairros antigos da cidade, especificamente, naqueles que margeiam o centro novo e centro velho. Localizam-se em áreas de ocupação tradicional da classe média maringense. As casas de madeira que resistiram na paisagem, em maioria expressiva pertencem à classe média baixa, e baixa; população que perdeu a qualidade de vida e foi empobrecendo economicamente e só conseguiu permanecer no bairro porque adquiriu a propriedade do lote no início da ocupação da cidade, em sua expansão urbana inicial.

As casas de madeira imprimem características próprias aos bairros onde se encontram. Distinguem-se de outros bairros mais novos, principalmente dos loteamentos recentes; todos com casas de alvenaria e tão iguais quanto as casas iniciais de madeira. Para as classes com menor poder aquisitivo, o problema nunca foi a flexibilidade das plantas, mas a possibilidade entre custo e benefício..

Atualmente o processo de “comercialização destas casas” ocorre quando o lote é vendido para alguma construtora de imóveis, e o antigo proprietário compra uma casa em outro lugar, comumente em bairro de loteamento recente, pois o custo do imóvel é menor, permitindo ainda algum investimento do dinheiro para sua sobrevivência. Ainda dentro deste processo pode ocorrer outra alternativa: o antigo proprietário do terreno recebe o valor do imóvel em apartamentos que serão construídos no local; um ou dois apartamentos dependendo da área construída.(Figuras 09 e 10).





Fig. 09. Rua Santo Antonio.  
Demolição da casa de madeira.



Fig. 10. Madeira para comercialização.

A venda destas casas, nestes bairros que delimitamos para estudo, tem se revelado um “bom negócio” para famílias que sobrevivem com dificuldades. A venda do terreno e da madeira, permite a compra de uma casa de alvenaria em bairros mais distantes do centro da cidade. Os preços dos lotes são mais baixos. Os moradores que ainda conseguem sobreviver nestas casas, esperam para vendê-las. Respondendo à lógica do mercado imobiliário, esperam o melhor preço.

Uma etapa desse processo é representada pela comercialização da madeira retirada do desmanche das casas. São perobas, mognos, cedros dentre outras espécies, consideradas madeira de lei, e compunham a vegetação nativa. A casa é desmanchada e a madeira é comercializada com madeireiras localizadas na cidade. Posteriormente essa madeira é vendida para fábrica de móveis, localizadas no Rio de Janeiro e Minas Gerais. São utilizadas para a produção de móveis coloniais ou “antigo”, destinados ao consumo do mercado externo.

### Breve Retrato dos Moradores que Ocupam os Imóveis de Madeira

Parte expressiva dos moradores das casas de madeira, desejo concentrado nos moradores mais novos, os filhos portanto, expressam o desejo de se mudar da casa. Porém, esperam a conclusão do inventário do pai. Esse por sua vez, aposentado e proprietário da casa, expressou que gostava de morar ali. No quintal da casa ainda havia muitas árvores frutíferas. Vestígios da ocupação antiga.

Em entrevista com outra moradora encontramos o mesmo processo, em fase de conclusão. Depois de vender o imóvel “valorizado” que herdara do pai, dividiu o dinheiro com o irmão. Ela pretende se mudar para uma casa de alvenaria, e seu irmão para um prédio de apartamentos. Ao redor de sua casa já existem inúmeros prédios de apartamentos, levantados onde outrora existiam as casas de madeira. Segundo informação dada pela moradora, somente o terreno foi comercializado por 250 mil reais. Se a madeira estiver em bom estado de conservação, também deverá ser comercializada.

As casas de madeira, nestas condições de crescimento econômico, e de novos valores culturais da população que habita a cidade, não são desejadas pelos seus herdeiros. Os filhos que ainda vivem com seus pais em casas de madeira, não pretendem mantê-las.

Embora seja este um desejo dos filhos, livrar-se das casas de madeira, os pais não pensam exatamente assim. Estes gostariam de conservar suas casas; vêem benefícios nestas casas, mas apontaram outro problema: a proibição, por uma lei municipal, da construção ou reforma das casas de madeira. Esclarecendo essa informação equivocada, e reconhecendo ser um fato isolado, apontamos o exemplo do prédio onde se localiza o Museu da Bacia do Paraná, uma casa de madeira, construída na primeira etapa da colonização da cidade, na década de 1950. Pertenceu a

morador da cidade, que para cá se deslocou objetivando implementar o processo de urbanização da cidade. Construída no centro velho de Maringá, foi doada, desmanchada, transportada, e remontada novamente no espaço da Universidade. Em 2003, passou pela última reforma e foi restaurada em madeira peroba; esse material foi adquirido das madeiras que comercializam a madeira que resultaram dos desmanches das casas.

Este reaproveitamento das madeiras está indicando possibilidades para aqueles poucos moradores que não pretendem se desfazer das suas casas. Para reforma, é possível adquiri-las nas diversas madeiras que surgiram na cidade, e que comercializam a venda e compra da madeira originária do “desmanche” dessas casas.

Para a construção de novas casas de madeira, a Lei indica que seja madeira resultante de reflorestamento e não inais in natura. Essa é a objeção.

Portanto, para a construção utiliza-se de madeira destinada a esse fim; produzida em reflorestamento. Entretanto, para reforma, é possível adquiri-las nas diversas madeiras que surgiram na cidade de Maringá, e que comercializam a venda e compra da madeira originária do “desmanche” dessas casas.

Nesta conjuntura e contexto, as imobiliárias encontraram uma excelente forma de rearticulação da ocupação e ordenação do espaço urbano em Maringá. As casas que ainda restaram, e que não são poucas, distribuem-se pela região planejada por Jorge de Macedo Vieira, e por áreas que extrapolaram o Plano Original; adquiriram expressivo valor imobiliário, em razão de sua localização urbana – áreas próximas da região central e da Universidade Estadual de Maringá. Parecendo um fato contraditório, a Universidade nasceu, e ampliou-se em uma área que foi ao mesmo tempo ocupada por uma população de baixo poder aquisitivo. A compra de um lote e a construção de uma casa de madeira era possível pelo seu custo: baixo. Posteriormente essas casas foram alugadas para outras famílias também de baixo poder aquisitivo. A família que ocupava inicialmente mudara-se para uma casa de alvenaria ou apartamento. O objetivo dessas famílias era o de estudar o filho na Universidade.

### Memórias...

O contexto histórico à que remete estas casas não lhe aferi nenhum status. Elas são a memória do arcaico, do rural; de uma fase da colonização. Elas remetem à memórias, cujos valores expressos pelo falacioso progresso, lembram poeira, barro, estradas sem condição de trânsito, derrubada das matas.

A realização das entrevistas evidenciou que a maioria da população proprietária das casas de madeira está com mais de 60 anos. Em razão das condições econômicas dos filhos, netos, irmãos, sobrinhos, cunhados e amigos desses proprietários, o quintal, que outrora ocupava a maior parte do maior terreno, agora são utilizados por eles na construção de outras casas de fundo.

Neste caso, a utilização é permeada também pela relação de parentesco. Conforme se casam, se agregam, com seus filhos, perto dos pais ou do parente: uma casa “grande” (com quatro cômodos) nos fundos; ou duas, três casas pequenas.

Em um dos relatos coletados em campo foi possível acompanhar a estória de chegada e a leitura da paisagem feita por moradores: (...) nascido em 25 de Setembro de 1919, na cidade de Timburí (SP). Mudou-se para Presidente Prudente e em 1952 deslocou-se para Maringá por causa do café. (...) sua casa de madeira foi construída em 1953. Não se adaptou ao trabalho na lavoura porque não estava habituado àquele tipo de atividade, à “lida”. Trabalhou a vida toda como motorista da CMNP. Contou que sua casa foi a primeira a ser construída no quarteirão; quadra 92; data 17; e que em todas as casas, construídas nesta época, o banheiro ficava do lado de fora. Em 1967, construiu outra casa de madeira no lote, também em peroba. A casa construída “nos fundos” destinava-se ao filho. Descreveu que em seu quintal havia magnólias; em seu pomar

cultivava abacate, banana, jabuticaba, mamão; próximo à porta da cozinha cultivava hortaliças e ervas fitoterápicas (hortelã, poejo, erva-cidreira, erva doce). Concluiu seu relato contando que atualmente compra tudo no mercado. (Figuras 11 e 12).

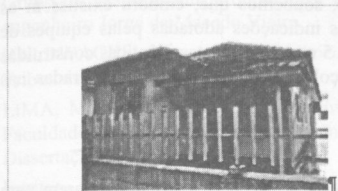


Fig. 11. ¶  
Rua Oswaldo Cruz. ¶  
Primeira casa construída no quarteirão, ¶  
em 1953. ¶  
Fotog. V. Ferraz → □



Fig. 12. ¶  
Rua Oswaldo Cruz. Casa ..... localizada no  
mesmo ..... lote. Construída em 1967. ¶  
Fotog. V. Ferraz □

Em outro relato uma moradora contou que não tinha água encanada quando se instalou no bairro; e que para a obtenção da mesma era necessário pedir para a prefeitura, que entregava a água nas casas. Como havia poucos estabelecimentos que comercializavam verduras, legumes e frutas e pelo contato com parte expressiva da população que ainda morava no campo, usava-se cultivar nos quintais hortas e pomares. Os jardins ocupavam a parte frontal do terreno, ou suas laterais.

A moradora da Rua Assis Chateaubriand, Vila Santo Antonio (Figura 14), contou que em 1972 a Igreja Santo Antonio, uma das mais antigas construções de madeira da cidade desapareceu em um incêndio. Era véspera de Natal. Acrescentou ainda que vinha até a Universidade buscar feixes de lenha para ferver a roupa e fazer comida.

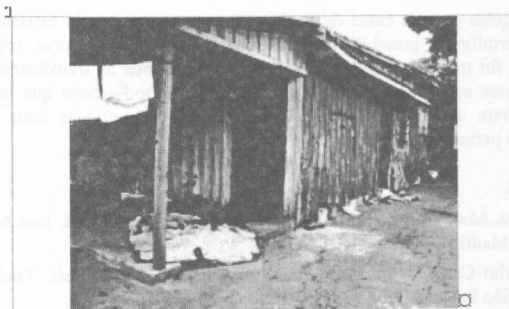


Fig. 13. Rua Assis Chateaubriand. ¶  
Casa sem manutenção - terreno a venda. ¶  
Fotog. V. Ferraz □

Em pesquisa na Prefeitura Municipal, acessamos algumas plantas das casas de madeira existentes na cidade e verificamos que seus aspectos atuais são muito distintos

de suas plantas originais. As casas construídas entre as décadas de 40 e 60 totalmente em madeira, não existem mais; as encontradas na paisagem atualmente foram construídas em sua maioria expressiva a partir da década de 1970. Em entrevista breve com marceneiros já afastados dessa profissão, soubemos que, embora existissem as plantas, as casas eram construídas seguindo as indicações adotadas pelas equipes de marceneiros. Isso justificou o encontro de 3, 4, 5 casas de plantas idênticas construídas na mesma rua ou quadra. Eram similares às colônias de moradores encontradas nas fazendas de café.

### Conclusão:

Independente da avaliação feita sobre a tendência destas casas apontarem para seu desaparecimento, elas ainda conseguem imprimir peculiaridades à paisagem da cidade, e revelar as estórias das ruas, dos bairros, dos quintais. Seus moradores são testemunhos da ocupação desse espaço urbano. Em conversas com esses moradores, quando pedíamos autorização para fotografar suas casas, percebemos que formam um grupo social. Conhecem-se e reconhecem que compõem uma parte diferente da cidade.

Embora tenhamos expressado nesse texto apenas as primeiras informações coletadas durante a pesquisa, o desdobramento dessa pesquisa já evidenciou que as casas de madeira permitem a reconstituição da paisagem, favorecendo sua compreensão até os dias atuais. A colonização implementada na região trouxe transformações tão rápidas, contidas em períodos exíguos de tempo: 3, 4, 5 anos, que de certa forma contribuiu para essa ausência de registros escritos. Mesmo a documentação oficial produzida pelo Estado, é ínfima.

Verificamos que as casas são testemunhos para o levantamento dessas informações e permitirão outra leitura que além da muito aventada e sustentada na estória da CMNP e no processo de colonização, ou ainda na estória dos pioneiros. É um trabalho de resgate da memória. Memória que caracterizou a identidade desse grupo social.

A pesquisa com as casas de madeira remete a uma escala espacial geográfica local por permitir a possibilidade de reconstituição da estória regional. Esse procedimento foi tomado justamente porque reconhecemos as transformações rápidas sofridas por esse espaço geográfico. Foi na relação tempo-espaço que tomamos essa decisão, e foram as leituras, debates e atividades desenvolvidas com o ensino de Geografia que permitiu isso.

### Bibliografia

- ALLIX, André. *Manual de geografia geral física e econômica*. trad. José Manuel Casas Torres. 2ª ed. Madrid: Rialp, S. A, 1956.
- ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. Trad. Pier Luigi Cabra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Coleção a).
- BOSI, Alfredo. *Lembranças de Velhos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP. 1987.
- BRUNHES, Jean. *Geografia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura. 1962.
- CARVALHO, Delgado de; CASTRO, Therezinha de. *Geografia Humana: política e econômica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Conselho Nacional de Geografia, 1967. 332 p.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. 124 p.

Grupo de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo da EESC – USP. O urbanismo do engenheiro Jorge de Macedo Vieira.

HALBWACHS, Maurício. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda. 1990.

LIMA, Maria das Graças de. *Sobrevivência dos Sítios Rurais de Moreira Sales-PR*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Universidade de São Paulo – Dissertação de Mestrado. 1993.

Instituto Brasileiro de Geografia. *Tipos e Aspectos do Brasil*. 9º ed. Departamento e Divulgação Geográfica e Cartográfica. Rio de Janeiro: Revista brasileira de Geografia. 1970.

MONBEIG, Pierre. *A Zona Pioneira do Norte do Paraná*. Boletim Geográfico: Rio de Janeiro. Abril. 1945.

\_\_\_\_\_. *Papel e Valor do Ensino da Geografia e de sua Pesquisa*. Rio de Janeiro: IBGE- Conselho Nacional de Geografia. 1956.

MULLER, Nice Lecocq. *Contribuição ao Estudo do Norte do Paraná*. Boletim Pailista de Geografia: São Paulo. 1956.

WAIBEL, Leo. *As Zonas Pioneiras do Brasil*. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, 17(4), out./dez. 1955.

\_\_\_\_\_. *Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil*. 2. ed.coment. . – Rio de Janeiro: IBGE, 1979.